

PERFIS LINGÜÍSTICOS DO PAR LIBRAS-LÍNGUA PORTUGUESA
LINGUISTIC PROFILES OF THE LIBRAS-PORTUGUESE
LANGUAGE PAIR

Gilmar Jales da Costa

Universidade Federal de Santa Catarina

Ronice Müller de Quadros

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Neste artigo, nos propomos, delinear como são as relações dos codas bilíngues com a língua brasileira de sinais (Libras) e o português, a fim de verificar as práticas linguísticas, as atitudes diante das relações com as comunidades que se insere. Tendo em vista essas questões, a presente pesquisa faz uma análise de entrevistas do corpus linguístico Sobreposição Bilíngue Bimodal, com o objetivo de responder questões relativas sobre as relações das línguas, perfil linguístico, atitudes linguísticas, dominância de línguas e descrever, além da importância da língua de sinais e a língua falada na modalidade oral e escrita. A pesquisa se constitui por uma abordagem qualitativa com aspectos quantitativos, de cunho explicativo, ou seja, explica os fenômenos, não se restringindo apenas a descrevê-los. Dos resultados, destaca-se que o bilíngue desenvolve diferentes comportamentos e atitudes quando escolhe a língua para usar em determinado tipo de comunicação, se com surdos ou ouvintes.

Palavras-chave: Codas. Libras. Língua Portuguesa. Bilíngues Bimodais

Abstract: In this article, we propose to outline the relationships of bilingual codas with the Brazilian sign language (Libras) and Portuguese, in order to verify linguistic practices and attitudes towards relationships with the communities they are part of. With these questions in mind, this research analyzes interviews from the linguistic corpus Bimodal Bilingual Overlap, with the aim of answering questions regarding language relations, linguistic profile, linguistic attitudes, language dominance and describing, in addition to the importance of sign language and spoken language in oral and written form. The research consists of a qualitative approach with quantitative aspects, of an explanatory nature, that is, it explains the phenomena, not being restricted to just describing them. From the results, it is highlighted that bilinguals develop different behaviors and attitudes when choosing the language to use in a certain type of communication, whether with deaf or hearing people.

Keywords: Codas. Libras. Portuguese language. Bimodal Bilinguals

Submetido em 19/03/2025

Aprovado em 18/12/2025

Introdução

Os filhos ouvintes de pais surdos são chamados de Codas conforme a Organização Internacional estabelecida nos Estados Unidos – a *Children of Deaf Adults* (CODA)¹. “O termo CODA é na verdade uma abreviação de origem norte-americana que corresponde a Children Of Deaf Adults, utilizada por essa organização internacional que desenvolve trabalhos envolvendo filhos de pais surdos” (SILVA, 2016, p. 33). Dessa forma, o uso do termo CODA com letras maiúsculas é tratado à organização internacional e o termo *Codas* passou a se referir aos filhos de pais surdos, terminologia difundida internacionalmente.

Esta pesquisa busca delinear as como são as relações dos codas bilíngues com a língua brasileira de sinais (Libras) e o português, a fim de verificar as práticas linguísticas, as atitudes diante das relações com as comunidades que se insere. Os filhos de pais surdos que adquirem a Libras, sendo uma língua de herança, são crianças bilíngues que crescem em uma família ou em uma comunidade em que a língua de sinais é compartilhada, vivendo em um país de língua falada, o português (QUADROS, 2017).

Para Souza (2015), o filho ouvinte de pais surdos (CODA) geralmente cresce em um ambiente em que adquire a língua de sinais naturalmente, porém ao sair de sua casa também sairá de um universo específico e se confrontará com outro que apresenta características diferentes, sendo o português a língua principal. Os Codas são crianças bilíngues que estão inseridas na comunidade surda, diferente das crianças ouvintes filhas de pais ouvintes. As crianças ouvintes, filhas de pais surdos, representam uma população especial que nos permite buscar responder sobre as bases linguísticas e cognitivas da linguagem, bem como o processo da linguagem em si, isso porque essas crianças estão inseridas em lares onde a língua de sinais é o principal meio de comunicação, assim como a língua falada que é utilizada por irmãos, parentes, vizinhos e babás (NEVES, 2013).

Este presente estudo se ocupa em apresentar esses bilíngues, sendo chamados de falantes ou sinalizantes de língua de herança. Logo, como sendo uma coda bilíngue bimodal traço as relações entre as línguas e as formas de comunicação que desenvolve se atrelando as emoções compreendidas culturalmente, independentemente de ser com surdo e/ou ouvinte. Com um ano de idade, eu já falava leite em Libras quando estava com fome, não de forma cem por cento correta, mas que era uma linguagem e permitia um

¹ Acesse em: codabrasil.blogspot.com

entendimento por parte dos meus pais. Streiechen (2017) diz que as pesquisas sobre a aquisição da linguagem pelos CODAS nos permitem entender como ocorre esse processo, uma vez que o pai, a mãe ou ambos são surdos. Assim, umas das primeiras questões a serem observadas pelos estudiosos é qual das línguas pode ser considerada língua natural (doravante L1) ou segunda língua (doravante L2) dos filhos ouvintes que têm pais surdos. E, ao considerarmos que as línguas envolvidas no contexto dos CODAS são de diferentes modalidades – oral e de sinais, e, por isso, seguem estruturas gramaticais também diferentes, postula-se como hipótese de que, ao adquirir as línguas, o sujeito internaliza elementos linguísticos e culturais dessa língua. Luria (2005, p. 110), diz:

Quando a criança assimila a linguagem, fica apta a organizar de nova maneira a percepção e a memória; assimila formas mais complexas de reflexão sobre os objetos do mundo exterior; adquire a capacidade de tirar conclusões das suas próprias observações, de fazer deduções, conquistas todas as potencialidades do pensamento.

Logo, a partir do momento que a criança começa a assimilar as palavras e associá-las as situações de vida, “leite ao sentir fome”, a criança passa a sintetizar fenômenos do mundo exterior e a possibilidade de regular o mundo através da palavra, do sinal (LURIA, 2005). Apesar de os CODAS estarem mergulhados em uma cultura linguística diferente daquela das crianças que têm pais ouvintes e que se comunicam por meio da mesma língua, eles conseguem mergulhar no universo dos fenômenos culturais e linguísticos dos seus pais surdos.

Nascer em uma família surda em meio a uma sociedade de ouvintes é o acontecimento que legitima a existência dos Cotas como uma geração única. Os Cotas, muitas vezes, tomam consciência do terceiro espaço quando conversam sobre isso nos encontros de Cotas o encontro coda-coda, o encontro com o outro igual (QUADROS, 2017). É uma espécie de outra construção identitária, um lugar ainda em definição para a criança que habita em dois universos: ouvinte e surdo.

Essas crianças podem ser chamadas por *bilíngues bimodais*, eis que existem dois canais de saída: o trato vocal e as mãos (visão), sendo que uma das línguas é percebida pela audição e a outra visualmente. Elas internalizam as duas línguas, a língua brasileira de sinais (Libras) e o português e, por isso, fazem escolhas linguísticas para cada língua e em cada momento de sua produção. Segundo Quadros (2017), os codas balanceados são os que tiveram pais surdos extremamente positivos em relação à língua de sinais e que procuraram expor seus filhos a diferentes contextos de práticas linguísticas na língua de

sinais. As formas como as demais pessoas com quem a criança coda cresce e estabelece a relação com as línguas, também parece ter impacto nas formas nas quais os Codos se relacionam com as línguas e usam mais ou menos a língua de sinais. Além disso, Quadros (2017, 2016) menciona que Codos bilíngues bimodais podem evidenciar fluência em ambas as línguas, mas podem também evidenciar dominância da língua falada, a língua que se torna a língua primária desses bilíngues, assim como acontece com vários falantes de línguas de herança.

A herança da língua nos coloca na posição de entrelugares, ou seja, no lugar dos dois ao mesmo tempo. Segundo Quadros e Masutti (2008), esse terceiro espaço caracteriza-se a partir das fronteiras e zonas de contato. Pratt (1999, 2000) define as zonas de contato como aqueles espaços sociais em que as culturas se encontram e se constroem em linhas de diferenças, em contextos assimétricos de poder.

Se a criança ouvinte que cresce em um meio social em que a língua de sinais é predominante isso faz com que ela tenha um domínio natural dessa língua de modalidade espaço-visual (ou visuoespacial). Tal fato acontece por meio do contato diário com familiares adultos proficientes em Língua de Sinais, assim, aquisição da língua de herança acontecerá primeiro e, posteriormente, em outro momento da sua vida, entrando em contato com a cultura ouvinte ocorrerá o aprendizado de segunda língua, tornando-se assim bilíngue.

Contextualizando a Libras e bilíngues bimodais

A Libras é uma língua utilizada por comunidades surdas. De acordo com Quadros (2017), a Libras é uma língua que expressa todos os níveis linguísticos, assim como as demais línguas. Essa língua constitui a “comunidade surda brasileira” principalmente dos grandes centros urbanos, no encontro surdo-surdo.

O encontro surdo-surdo é um marco nas comunidades surdas, pois é onde a comunidade de herança se estabelece. “A relação ‘familiar’ estabelecida por meio do pertencimento caracteriza os espaços em que o legado da língua de sinais e da cultura surda torna-se patrimônio dos surdos, os surdos da associação, dos pontos de encontros, tornam-se referência linguística e cultural” (QUADROS, 2017, p. 24).

Comunidade essa que representa um grupo onde existe a troca de significados, ideias e os pensamentos que integram a Libras. Na verdade, não é só de surdos, já que há

sujeitos ouvintes junto a esses, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham dos mesmos interesses comuns em uma determinada localização que podem ser as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros. (STROBEL, 2009). Quadros (2017, p. 10) afirma que:

Os falantes e sinalizantes considerados bilíngues, por fazerem parte de grupos étnicos, comunidades indígenas, comunidades de fronteiras e comunidades de surdos, normalmente são considerados usuários de línguas minoritárias e apresentam uma variação considerável na proficiência de suas primeiras línguas.

Em relação aos codas, com os diferentes modos de uso da língua de sinais, Quadros (2017, p. 13) esclarece que os falantes *bilíngues simultâneos* são os que crescem adquirindo duas línguas ao mesmo tempo, enquanto o aprendizado da L2 ocorrerá em momentos diferentes da vida.

As pessoas bilíngues, sejam falantes de língua de herança ou sinalizantes dessa língua, apresentam diferentes níveis de proficiência. No caso de sinalizantes Codas, estes nascem em contexto de língua de herança e pertencente a uma outra modalidade. Com base em Boon e Polinsky (2014), Quadros (2017, p. 16), evoca-se a necessidade de analisar aspectos já levantados por esses autores a respeito dos casos de diferentes níveis de fluência na língua de sinais, apresentados em sinalizantes de uma língua de herança pertencente a uma modalidade diferente da língua falada.

De acordo com Grosjean (2008), bilíngues normalmente adquirem e usam suas línguas para diferentes propósitos, em diferentes domínios, com diferentes pessoas. Diferentes aspectos da vida frequentemente demandam diferentes línguas. Ou seja, sujeitos bilíngues desempenham as diferentes funções da língua, dito de outro modo, em diferentes situações do bilinguismo. Considerando as modalidades de uso dessas línguas (oral, escrita ou sinalizada), nesses domínios, pode-se compreender que diferentes modalidades podem cobrir também diferentes domínios, sendo que habilidades desenvolvidas num domínio não necessariamente o serão em outro (SILVA, 2018, p. 30)

Nessa perspectiva, não necessariamente a língua predominante na casa, geralmente na modalidade oral, pode ser a língua escrita utilizada em vários domínios da vida social. Da mesma forma, Silva (2018) complementa que “não se espera que um bilíngue domine igualmente as duas línguas em todas as modalidades (oral ou sinalizada e escrita)” [...] “pelo contrário, considera-se que o bilíngue vai desenvolver a fluência

conforme sua história linguística e a necessidade do uso das línguas no cotidiano, em diferentes domínios da vida do bilíngue”.

Continuando com Silva (2018), sendo uma perspectiva de bilinguismo mais dinâmica, mais aberta e não somente na proficiência, isso permite uma descrição mais ampla da variedade de repertórios linguísticos dos bilíngues, possibilitando a identificação de inúmeros traços desses falantes/sinalizantes que vão culminar em determinados perfis de dominância, não se restringindo, a uma visão de dominância como proficiência relativa.

Grosjean (2013) destaca como certos eventos da vida dos bilíngues podem aumentar ou diminuir a importância de uma língua ou outra em suas vidas, levando a mudança da língua dominante ou mesmo a erosão linguística. Tendo em vista que os sujeitos bilíngues em algum momento da vida sofrem estabilidade e reestruturação da língua. Reafirmando que a qualificação das habilidades nas duas línguas não seria suficiente considerando os mais diversos fatores que influenciam os perfis dos bilíngues (TREFFERS-DALLER; KORYBSKI, 2015).

Com isso, a dominância pode ser considerada em diferentes domínios de uso das línguas pelo bilíngue, ou seja, dominância global ou em determinado domínio da vida do bilíngue (família, escola, religião etc.) podem se diferenciar conforme a experiência bilíngue. (GROSJEAN, 2008; 2013)

As atitudes linguísticas são consideradas no que os falantes bilíngues têm em relação às línguas, de como a veem e o seu uso no cotidiano. Conforme o estudo de Feen (1992 *apud* BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2001):

examinou as atitudes linguísticas de estudantes de Gallaudet², os estudantes avaliaram melhor os surdos usuários da ASL do que aqueles que usam o inglês sinalizado ou sinalização de contato. Esse estudo se contrasta com uma visão apresentada em um texto de uma coleção produzida por estudantes desta mesma universidade em que o autor admitia sentir que precisava usar mais o inglês sinalizado para parecer mais “esperto (SILVA, 2018, p.71).

² A universidade de Gallaudet é a única universidade do mundo voltada para pessoas surdas e com deficiência auditiva, com programas em nível de graduação, mestrado e doutorado. Está localizada em Washington, nos Estados Unidos. Disponível em: <http://www2.gallaudet.edu/attend-gallaudet/about-gallaudet/>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O desenlace do presente estudo se dá através do uso da língua e a sua proficiência como fatores essenciais na forma de analisar os bilíngues. Assim, “considerando-o como o indivíduo que usa duas línguas no cotidiano, tendo características próprias que o diferenciam de um monolíngue” (SILVA, 2018, p. 29). Considerando os aspectos do bilinguismo e as relações com as línguas, será compartilhado as visões do bilíngue com os seus diferentes níveis de proficiência e dominância.

Língua de herança, fronteiras e as zonas de contato entre Códas

Conforme, Quadros (2017) uma das coisas mais importantes na vida dos Códas é o fato de herdarem a língua de sinais e fazerem parte de uma geração que herda também a cultura surda, mesmo sendo ouvinte. Essa geração de filhos é única, pois seus filhos não terão essa mesma experiência. Nesse sentido, Hoffmeister (1996) se referiu aos Códas como uma única geração, pois nas gerações seguintes, em geral, os filhos dos ouvintes serão ouvintes e assim sucessivamente. A geração dos filhos ouvintes de pais surdos tem a experiência única de herdar a língua e a cultura surda e, ao mesmo tempo, herdar a língua e a cultura ouvinte. Os filhos dos Códas, na verdade, acabam se distanciando da comunidade surda e, em alguns casos, consideram os surdos completamente estranhos. A transmissão da língua, da cultura e dos valores acontece, normalmente, de uma geração para a outra. Os pais surdos conversam com seus filhos na língua de sinais com mais ou menos influência dos valores da comunidade ouvinte. A língua de sinais, assim como os valores culturais podem se misturar exatamente porque os pais são surdos e foram filhos de pais ouvintes. De qualquer forma, a herança surda é transmitida para os filhos ouvintes, mas não necessariamente para seus netos e, talvez, perdida por completo nas gerações seguintes (QUADROS, 2017).

Segundo Gomes (2018), há, portanto, uma distinção da língua dominante do país ou língua majoritária com as minoritárias e menos reconhecida. Assim, após realizar essa comparação, é possível fornecer estudos distintos sobre os tipos de língua que são usadas pelos povos citados, sendo a língua passada pelos familiares ou pela comunidade denominada “língua de herança”.

De acordo com Quadros (2017), língua de herança é uma língua usada pelas comunidades locais (étnicas ou de imigrantes) em uma comunidade na qual outra língua

é utilizada de forma mais abrangente. Língua de herança é, normalmente, a língua da família, em um contexto no qual outra língua é falada nos demais espaços sociais, tais como a escola e a mídia. “Herança” significa transmissão de bens culturais e materiais de uma geração para a outra. Nesse sentido, os falantes de herança herdam um patrimônio cultural que inclui uma língua em seu berço familiar. O falante de herança cresce com uma língua de herança e com a língua usada em sua comunidade mais geral, portanto, é supostamente um bilíngue com duas (ou mais) línguas nativas (QUADROS, 2017, p. 1).

Os conceitos de língua de herança e de uma segunda língua, no entanto, não são idênticos: o primeiro envolve uma língua adquirida que, mesmo não sendo mais usada pelo falante, pode ser “acordada” a qualquer momento, se trata de uma aquisição natural ainda que incompleta (ou adormecida), como ocorre em muitos casos; já o segundo conceito, aprendizagem de uma segunda língua, requer um processo mais formal de ensino, neste caso, a língua é mais facilmente esquecida (QUADROS, 2017). Conforme Gomes (2018), a língua de herança não se relaciona somente com a transmissão de uma herança linguística no lar, mas também de todas as peculiaridades que envolvem essa língua, funcionando como fator que marca a identidade e cultura de um povo. Por isso, usuários dessas línguas, como os Cotas, podem ser caracterizados como seres interculturais, não tendo somente uma cultura, e sim, neste caso, um envolvimento entre a cultura surda e a ouvinte.

Diante destes fatores que são repassados dos pais surdos para os filhos ouvintes, esta é a visão de mundo que acaba sendo incorporada na visão do filho, uma vez que as crianças acabam desenvolvendo a referência do olhar como meio de significação, da mesma maneira como é realizada pelos surdos. Ambos demonstram interesse na experiência visual para obter melhor compreensão do mundo na transmissão das suas ideias e pensamentos (SILVA, 2010).

Segundo Quadros (2007), a experiência de nascer, viver e crescer em meio a uma família de pais surdos faz com que a percepção das representações culturais, sociais, políticas e linguísticas sejam atravessadas por tensões em zonas fronteiriças de contato. O universo surdo e o ouvinte marcam as fronteiras dos Cotas. Em consequência de todas as características repassadas pelos pais surdos a seus familiares ouvintes, a estruturação da identidade dos ouvintes filhos de surdos emergirá das práticas cotidianas que se estabelecem dentro de um hábito no qual estão presentes comunicação, língua de sinais, representação da surdez, aprendizado da língua oral, da transferência de estigma e

percepção de uma identidade da diferença entre surdos e ouvintes. A partir dessa perspectiva, pensar sobre as experiências dos Cotas em zonas fronteiriças de contato pode contribuir para que visões etnocêntricas acerca da diferença sejam progressivamente diluídas (QUADROS; CRUZ, 2011).

Gurjão (2013) aborda que, apesar desta relação de transmissão de cultura e estruturação de identidade, os ouvintes filhos de surdos estarão sempre em uma zona de contato entre surdos e ouvintes, a qual é definida por Pratt (1999, 2000) como o espaço em que as culturas se encontram e se constroem em linhas de diferenças, em contextos assimétricos de poder. Esta autora alerta para o fato de que esse lugar pode oscilar entre um lugar de perigo e de entendimento mútuo, denominando esses lugares de *safe houses*, que possibilita aos grupos sociais constituírem suas identidades e comunidades, além de protegerem-se dos sistemas opressivos, como as práticas ouvintistas. (GURJÃO, 2013).

No entanto, Quadros e Cruz (2011) aborda que as crianças estão, permanentemente, vivendo entre fronteiras da língua, do idioma e da cultura. Suas sensações e experiências com o corpo das línguas orais e visuais remetem para o caráter tenso de ter que suportar o peso de duas línguas que são irredutíveis uma à outra e de dois mundos culturais que apresentam uma forte assimetria em suas relações de poder. Os aspectos visuais e motores das línguas de sinais são muito diferentes das línguas faladas. Eles também interferem nos registros e nos níveis de formalidade das línguas de sinais. A criança deverá ter a oportunidade de desenvolver diferentes registros e níveis de formalidade em ambas as línguas, decorrente das relações estabelecidas no uso desses códigos (QUADROS, 2007).

A criança que se encontra em tal fronteira torna-se um mediador entre os pais surdos e ouvintes. Esta função de se relacionar com outros através da modalidade de fala oral repassa aos filhos a responsabilidade de realizar determinadas atividades de mediação desde os primeiros anos (SOUZA, 2015).

Entretanto, os filhos ouvintes de pais surdos crescem em um ambiente que está imerso na comunidade surda. Nesse caso específico, os filhos ouvintes, normalmente crescem bilíngues, pois adquirem a língua de sinais de seus pais e amigos surdos e, também, adquirem o português em contato com outras pessoas ouvintes com as quais os pais surdos convivem. Os filhos surdos e os ouvintes de pais surdos têm a oportunidade de acesso a uma língua que garanta o seu desenvolvimento da linguagem (SKLIAR e QUADROS, 2000; PADDEN e HUMPHRIES, 1988).

Metodologia

O tipo de pesquisa científica quanto a natureza é básica, que gera novos conhecimentos sem a prática ou o imediatismo dos resultados, com abordagem, objetivos, fontes de informação e procedimentos técnicos.

A pesquisa se constitui na abordagem qualitativa com aspectos quantitativos, quali-quantitativo, de cunho explicativo que é definida como aquela que tenta explicar os fenômenos, não se restringindo apenas a descrevê-los (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004). Buscando compreender as particularidades e experiências sobre o tema em questão, fazendo um enfoque linguístico, apresentando os princípios, qualidades e características do objeto de estudo, fazendo uma análise comportamental entre os indivíduos, com recursos e técnicas nas formas de estatísticas numéricas com informações obtidas durante a coleta de dados. De acordo com Günter (2006, p. 204), a pesquisa qualitativa tem uma grande flexibilidade e adaptabilidade, uma vez que “ao invés de utilizar instrumentos e procedimentos padronizados, (...) considera cada problema objeto de uma pesquisa específica para a qual são necessários instrumentos e procedimentos específicos”. Já a pesquisa quantitativa, pressupõe a utilização de instrumentos padronizados, e segue um padrão linear no decorrer de toda investigação, seguindo projetos já bem detalhados inicialmente (TOMITCH; TUMOLO, 2013).

A pesquisa se constitui pelo método indutivo que, de acordo com Cruz e Ribeiro (2003, p. 34), “baseia-se na generalização de propriedades comuns a certo número de casos, até agora observados, a todas as ocorrências de fatos similares que se verificarão no futuro. Assim, o grau de confirmação dos enunciados traduzidos depende das evidências ocorrentes”. Os dados serão iniciados e conforme o andamento da pesquisa obteremos respostas da hipótese. Com levantamento bibliográfico, trazendo aspectos relevantes para esta pesquisa que, de acordo com Tomitch e Tumolo (2013), tem como objetivo familiarizar o pesquisador com a literatura pertinente ao seu objeto de estudo e que lhe dá subsídios técnico-metodológicos para formular corretamente suas hipóteses e/ou questões de pesquisa e realizando uma observação direta das entrevistas do *corpus* de sobreposição de línguas, da língua de sinais e língua portuguesa, captando as explicações e interpretações da realidade dos CODAS, aplicando um questionário linguístico. Conforme Dörney (2003, apud SILVA, 2018, p. 87):

“Questionários, depois de testes de proficiência, são o recurso mais utilizado em pesquisas em L2 e oferecem inúmeras vantagens em seu uso, tal como a possibilidade de obter um montante significativo de dados em pouco tempo e com custos baixos. Além disso, os questionários oferecem a vantagem de acessar determinados fatores não linguísticos, como os aspectos atitudinais da dominância, história linguística dos participantes etc. (GROSJEAN, 1998; GERTKEN *et al.*, 2014; LIM *et al.*, 2008) ”.

A técnica da pesquisa será laboratorial, pois permite ao pesquisador criar uma situação considerada ideal na qual ele pode manipular e controlar variáveis para testar suas hipóteses através de um experimento. Um experimento que pode então ser definido como uma investigação altamente planejada na qual o pesquisador procura evidências para confirmar ou refutar suas hipóteses sobre a relação entre duas ou mais variáveis (MOREIRA, 2002). Uma pesquisa que não necessariamente é feita em laboratório, mas em ambientes criados pelo pesquisador e que se torne melhor controle para suas verificações.

As análises de dados desta pesquisa fazem parte do projeto de sobreposição de bilíngues bimodais: síntese de línguas, projeto esse que já fora realizado, sob responsabilidade da professora Dra. Ronice M. de Quadros, aprovado pelo Comitê de Ética³, que tem como base a investigação dos tipos de estruturas de língua usados por Cotas e ajudará a entender melhor como a mente humana está organizada para a linguagem, especificamente, quando a pessoa tem duas línguas, neste caso, uma língua de sinais e outra língua falada.

O presente estudo se baseia em comparar a fluência na libras e na língua portuguesa de bilíngues bimodais com falantes de língua de herança (surdos nativos da Libras)⁴. E, a fim de dar continuidade a essa pesquisa, fomentamos a possibilidade de elaborar o questionário linguístico para Cotas Bilíngues (QLCB). Conforme Dörnyei (2003), pensar nos processos gerais do questionário, como “duração, o formato e as partes principais, escrever itens/perguntas eficazes e elaborar um conjunto de itens, selecionar e sequenciar os itens, escrever instruções e exemplos apropriados, pilotar o questionário e realizar análise de item” (DÖRNEY, 2003, p. 16-17). No entanto, optamos pelo

³ Projeto de sobreposição Bilingue bimodal, sendo a pesquisadora responsável Ronice Müller de Quadros para o banco de dados do Núcleo de Pesquisas em Aquisição de Línguas de Sinais da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Projeto este que teve parecer aprovado de nº 2.657.498, que consta em anexo, seguindo a resolução 510/2016 e com o processo nº 84511918.0.0000.0121.

⁴ Texto retirado do parecer substanciado CEP de nº 2.657.498 de autoria da Dra. Ronice Müller de Quadros.

questionário *on-line* no Google *Forms*, pois abrange a todos por ser os Cotas de diferentes regiões brasileiras e enviamos para os participantes que fizeram parte da pesquisa de sobreposição de bilíngues bimodais: síntese de línguas. O questionário *on-line* pode trazer implicações gerais a partir de dados obtidos pelo questionário *on-line* podendo ter diversas vantagens devido ao maior alcance e compreender os perfis que se adequam a esse tipo de pesquisa (WILSON e DEWAELE, 2010).

Na elaboração do questionário foi necessário anexar o termo de compromisso⁵ com orientações do procedimento da pesquisa onde o participante tem a autonomia de aceitar ou recusar o convite para a resposta das quarenta questões escritas na língua portuguesa uma vez que, de acordo com Dörnyei (2003, p. 132), “a realização dos questionários não ultrapasse 30 minutos para não desanimar os potenciais respondentes”. Com base no presente estudo, foram elencados os seguintes aspectos para uma melhor análise de dados separado por módulos: (1) história linguística; (2) da comunicação (uso da Libras e do Português) em diferentes domínios; (3) proficiência linguística (autoavaliação) e (4) atitudes linguísticas, fazendo com que as perguntas sejam direcionadas pelas experiências linguísticas, ao bilinguismo (português e a língua brasileira de sinais), procurando assim, responder a hipótese desta pesquisa.

Segundo Dörnyei (2003), os questionários como forma de coleta de dados podem ser escolhidos sem um rigor metodológico, mas isto não pode ocorrer, sendo necessário que o questionário tenha acesso a dados confiáveis e rigidez na sua elaboração. Entretanto, os questionários, depois dos testes de proficiência, têm vantagens em pesquisas de L2, possibilitando dados em tempo curto e com baixo custo (DÖRNEY, 2003). Além disso, Grosjean (1998) aborda que o uso dos questionários, no que tange as pesquisas do bilinguismo, permite o acesso a informações importantes para o delineamento do perfil dos participantes, tendo em vista as experiências bilíngues. Além dos aspectos atitudinais da dominância, história linguística etc. Dessa forma, o questionário foi pensado para gerar dados necessários a fim de atingir a meta dos objetivos do projeto, priorizando o conjunto de questões. Contudo, a sua elaboração demanda tempo e esforço, não existindo um padrão ou norma, evidenciando a importância do conhecimento e pesquisa para a sua construção no intuito de coletar dados a respeito das relações linguísticas dos Cotas bilíngues (PARASOURAMAN, 1991).

⁵ Termo de compromisso e projeto de pesquisa aprovado pelo comitê de ética, com o parecer de nº 4.193.819.

Diante das relações entre as línguas, onde sujeitos bilíngues que são usuários das línguas para diferentes propósitos, em diferentes domínios e com diferentes públicos, buscou-se responder a seguinte questão:

Quais são os perfis e dominâncias linguísticas dos Cotas conforme as relações entre as línguas que usam?

Servindo como base para o estudo em questão, que visa esclarecer os fatores essenciais das escolhas que os sujeitos Cotas fazem em relação às línguas, destacando a dominância linguística, as políticas linguísticas e o conceito de bilinguismo.

Considerando o acesso aos Cotas bilíngues, optamos pelo questionário eletrônico *on-line*, a fim de conhecer o perfil linguístico de Cotas bilíngues, que usam a Libras e o português no cotidiano.

Busca-se conhecer a diversidade de Cotas bilíngues, suas histórias e suas práticas linguísticas com a Libras e o português, juntamente com os critérios de análise das entrevistas sendo considerado os seguintes itens para obtenção das respostas desta pesquisa: (i) descrever o perfil linguístico dos Cotas bilíngues, destacando a sua dominância linguística diante das atitudes, valores e espaço diante das línguas, Libras e Português; (ii) descrever e identificar os domínios de uso da Libras e do português por Cotas; (iii) descrever os aspectos relativos às atitudes, valores e espaços linguísticos dos Cotas; (iv) relatar a relação do bilinguismo em Cotas, tendo em vista o processo de aprendizagem nas duas línguas e o contexto bicultural em que transitam; (v) identificar os níveis de proficiência na língua de sinais dos Cotas investigados e analisar as duas correlações por idade e tempo de contato e (vi) descrever perfis de dominância linguística dos Cotas.

Discussão e resultados

As atividades do projeto de sobreposição de bilíngues bimodais: síntese de línguas foram gravadas com 22 Cotas bilíngues bimodais, que usam a língua de sinais e a língua falada ao mesmo tempo ou separadamente. Nesta pesquisa os participantes serão os mesmos da sobreposição e serão recrutados por e-mail com os dados já obtidos pelo coordenador da pesquisa de sobreposição que é a atual orientadora deste projeto. Na pesquisa atual que configura uma pesquisa de mestrado, esses 22 Cotas que já foram

entrevistados no projeto anterior, serão recontactados por e-mail para responder um questionário mais detalhado sobre suas produções em Libras e em português.

Entre essas entrevistas existem perguntas de como o sujeito se sente em relação a cada língua, com gravação em média de 5 a 10 minutos cada. Assisti às vinte e duas entrevistas e pude notar que 90% (19), se sentem melhor se comunicando em Libras do que em Língua Portuguesa; e que 10% (3), se sentem confortáveis com a língua portuguesa e com pouca afinidade na Libras. Com base nessas respostas, podemos notar que de acordo com a sua atitude existe uma dominância linguística entre as línguas. Na mesma entrevista é perguntado se o sujeito se considera bilíngue, e todos tiveram uma resposta positiva. Nesse ponto posso destacar que os Cudas são bilíngues bimodais com diferentes aspectos linguísticos quanto à dominância. As análises serão feitas pela autora como parte integrante da pesquisa, respondendo, assim, a questão problema deste estudo.

Diante disso serão trazidos os principais nortes a respeito do histórico da comunidade surda, cultura surda e as políticas linguísticas que entrecruzam com as relações dos filhos ouvintes de pais surdos que obtêm duas línguas, sendo essas a língua de sinais e a língua portuguesa, essa última majoritária no Brasil. Sendo assim, os Cudas adquirirão um diferencial em relação aos filhos ouvintes de pais ouvintes, se tornando bilíngues e, nesta condição, destacando a importância de uma educação bilíngue para os Cudas e relacionando com os principais autores os conceitos, situações, vivências e todo o seu processo na constituição de seres bilíngues, bimodais e biculturais.

Os cudas bilíngues aqui estão sendo chamados pelo dia da semana e a numeração de acordo com a ordem das entrevistas ocorridas no referido dia. Sendo nominados e organizados conforme o projeto de sobreposição de bilíngues. Foi explorado as perguntas que busca responder as questões referentes a esta pesquisa que é a relação das línguas, português e libras, quanto a sua dominância. Quadros (2017, apud Preston 1995) relata que as experiências das crianças ouvintes de pais surdos diante das entrevistas é bastante singular, pois explora a sua cultura além de ampliar o conhecimento do universo surdo e ouvinte em zonas de contato. As entrevistas aqui foram traduzidas das filmagens do corpus linguístico da pesquisa de sobreposição de bilíngues. Nossa meta é estabelecer um olhar para as fronteiras entre os universos surdos e ouvintes partindo das experiências dos cudas bilíngues (QUADROS e MASSUTTI, 2007).

No início da entrevista, a mediadora pergunta do seu processo de aquisição da Libras, como que aprendeu e como se deu esse aprendizado:

Quadro 1 - Aquisição da Libras

Entrevistados	Respostas
TER_01	“Com a família, meus pais, mãe, tio, meus primos”.
TER_02	“Bom, eu sou o sexto filho dos meus pais, pai e mãe surdos, nasci em uma casa com pais surdos sendo o filho caçula. Eu aprendi a língua de sinais com a minha mãe, com os meus irmãos mais velhos que me ensinaram também”.
QUA_01	“Ah eu nasci com pai e mãe surdo, eu aprendi com a vida mesmo, crescendo”.
QUA_02	“Naturalmente, com os meus pais, quando era criança no contato, não sei contar como foi. Natural”.
QUA_03	“Meu pai e a minha mãe são oralizados, meu pai, já falecido, tive contato com ele até os 8 anos, ele oralizava mais que a língua de sinais, já a minha mãe sinalizava mais do que oralizava, mas a minha aquisição foi muito forte, porque lá em casa era um ponto de encontro. Meu pai era presidente da associação de surdos e ele tinha envolvimento com esporte. E em casa era ponto de encontro dos surdos desde criança”.
QUA_04	“Engraçado que as pessoas sempre me perguntam, mas não tenho uma resposta certa, mas o jeito que respondo é que nasci, o carinho e a instrução sempre foi em língua de sinais”.
QUA_05	“Bom, eu acredito que é a minha primeira língua, pois aprendi com a minha mãe. Os meus avós sempre falam que eu aprendi o português depois, então acredito que é a minha primeira língua a Libras”.
QUA_06	“Meus pais usam a língua de sinais então adquiri a língua junto”.
QUA_07	“Com a minha mãe e com a minha madrinha. Elas são surdas”.
QUA_08	“Foi normal, natural. Eu lembro que o meu pai me contou que aos 1 ano e 2 meses, mais ou menos, eu estava em um carrinho de bebê e escutei batendo a porta e chamei apontado para os meus pais e bati na cadeirinha (como se estivessem batendo a porta) e era realmente o carteiro. Eles se olharam e viram que tinha como eu se comunicar com eles”.
QUI_01	“Então, criança mesmo meus pais sempre conversavam em libras e comecei a perceber a libras, sempre fui a associação de surdos, familiares surdos e a partir disso comecei a usar mais a língua de sinais”.

QUI_02	“Quando tinha 1 para 2 anos de idade, a minha mãe falou que eu já sinalizava. Então a minha mãe me disse que eu tinha a primeira língua materna a Libras e depois com o contato com os meus avós e a minha tia eu aprendi o português”.
QUI_03	“Foi natural, como qualquer coda, mãe e pai surdo e a minha família morava na frente da casa e eu meus pais no fundo. Então sempre tivemos contato, mas os surdos iam lá em casa todos os dias porque a associação foi fundada lá. Desde de criança eu sempre sinalizava, depois quando fui para escola que comecei a falar o português, mas todos achavam que eu ia ter dificuldade para falar”.
QUI_04	“Com a minha mãe e o meu pai, normal. Não sei explicar, normal”.
QUI_05	“O contato com pai e mãe, também tia e tio, na família do meu pai tem três irmãos surdos então com o contato. Morávamos os perto da família e o contato era maior”.
QUI_06	“Natural. Pai e mãe surdo. Contato todos os dias”
QUI_07	“Desde pequena, tenho pai surdo e ele não sabia libras, mas tínhamos uma comunicação difícil. Depois vi que tinha surdos que se comunicavam, depois que cresci fiz pós em libras e fiz curso de extensão. Hoje eu que ensino ao meu pai, diferente de outros codas, eu aprendi libras tardiamente”.
QUI_08	“Junto com o meu pai e com a minha mãe. Junto na convivência”.
QUI_09	“Não lembro bem, era bem pequena, tinha 2 anos já sabia falar libras”.
QUI_10	“Eu aprendi com a minha mãe e com o meu pai, a comunicação dos dois era a libras, vendo e aprendendo”.
SEX_01	“Eu aprendi com os meus pais e com a convivência com os amigos dele. Em Porto Alegre tem a colônia de férias dos surdos e isso ajudou muito aprender os sinais da libras”.
SEX_02	“Eu não sei falar como foi, as vezes me pergunto como foi, eu não sei dizer o tempo. Normalmente”.

Fonte: A autora.

Esse quadro foi organizado as respostas dos codas bilíngues a respeito do seu processo de aquisição e aprendizado da Libras, se nota que a maioria dos codas não soube exatamente responder como se deu esse processo de aquisição. Foi notório a reação da maioria com a primeira pergunta ser essa, muitos relatam desconhecer como se deu o processo, como também, acenar com a cabeça, em forma de negação, ao conhecimento da forma que se adquiriu a Libras, porém sabiam da relação familiar nesse processo como influência da língua. Segundo Quadros (2019, p. 142) “raramente as pessoas escolhem ser bilíngues. Elas são bilíngues simplesmente porque crescem em contextos em que aquelas línguas são usadas pelas pessoas com quem convivem”. É por meio do convívio com os pais surdos sinalizantes que as crianças bilíngues adquirem a Libras, Quadros e Massutti (2007, p. 253) em entrevista com uma coda, ela relata do seu processo de aprendizado da Libras por meio de familiares, “eu cresci em uma família de surdos, sim, eu tinha um monte de surdos na minha família... primos, tios, tias e meus pais tinham muitos amigos surdos que costumavam nos visitar e vice-versa” [...] “Eu aprendi a sinalizar com essas pessoas na minha casa, na casa delas e, também, na associação de surdos. Essas experiências de convívio com familiares e amigos surdos contribuem para o seu desenvolvimento natural da língua.

Na pergunta seguinte, foi relacionado a escola, como que era a relação da língua de sinais na escola, com os seus pais surdos, nas reuniões, relação com os professores.

O acesso escolar entre os codas se torna marcante devido ao “novo universo” o espaço ouvinte, pois sai do contato familiar no contexto visuoespacial (Libras), partindo para o oral/auditivo (português) e, diante dos relatos nos deparamos com as semelhanças entre os codas. Quadros (2017), relata que vivenciou uma situação parecida:

Quando fui pela primeira vez à escola, eu não usava português, embora compreendesse essa língua. Eu convivia quase que exclusivamente com surdos. Apesar de ter uma irmã mais velha que falava português, nós usávamos praticamente apenas a Libras em casa. Lembro que eu não gostava da escola. Fiquei doente várias vezes durante esse primeiro ano, e, assim, o ano foi quase perdido para mim. Acabei me fortalecendo para iniciar o ano seguinte em uma nova escola, da qual eu gostava e, nesse espaço, eu já conseguia me expressar em português. Hoje acredito que eu não gostava da escola porque a escola parecia não saber nada sobre mim e sobre minha família. Não era o meu lugar, pelo menos não refletia nada sobre o lugar a que eu pertencia. Era um ambiente completamente diverso em que todos os sentidos estavam sendo postos em português. A Libras não era considerada língua. Eles pareciam que

“olhavam” meus pais como “pobres coitados que eram surdos, não como gente normal (QUADROS, 2017, p.152-153).

Compreender que a escola tem um papel fundamental no processo de aprendizagem do aluno é essencial, porém a instituição desconhece o familiar do aluno, o que desconhece a sua língua e a cultura. Sônia também viveu situações em que a escola não fazia a interação com os seus familiares surdos,

Alguns acontecimentos na escola foram, de certa forma, perversos. Quando havia atividades que envolviam as famílias, a professora avisava a Sonia de que seus pais não precisavam participar dizendo que a comunicação com eles era muito difícil. A professora sempre dizia que era difícil conversar com seus pais. Isso não era bom. Sonia compartilhava esses acontecimentos com seus pais, e sua mãe dizia que era porque a professora não sabia a língua de sinais e, portanto, não teria como conversar com ela. A mãe de Sonia foi a uma reunião na escola e, depois, nunca mais participou de outra reunião. A escola também não exigia a participação da família de Sonia nas reuniões de pais. Isso aconteceu também com seus irmãos. Sonia compreendeu que isso acontecia porque a escola não era capaz de estabelecer a comunicação com seus pais. A incapacidade era da escola, não de seus pais (QUADROS, 2017, p. 162-163).

A história de Sonia se entrecruza com outros codas que viveram a sua infância no contato com familiares e amigos surdos. A mesma situação ocorre com a Maitê, pois ela se percebeu entre “dois mundos” diferentes na escola com experiências complicadas, “Em seus relatos, ela sempre dizia que não gostava da escola, se sentia triste, porque era provocada pelos colegas” (QUADROS, 2017, p. 174).

Se torna recorrente as fragilidades da escola diante dos filhos ouvintes de pais surdos, a escola é o primeiro espaço no qual as crianças têm o contato com a língua, porém no caso dos codas bilíngues que já tem uma primeira língua no contexto familiar, acaba se deparando com as diferenças linguísticas ao entrar na escola. Segundo Quadros (2017) nas biografias de codas, têm o relato da Léa e a Riva, as duas relatam que “na escola, tanto a Léa como Riva tiveram algumas dificuldades. Léa relata que ingressar no ensino médio, antigo ginásio, foi muito difícil, pois, na época, era exigida a realização da prova” [...] “Léa apresentava muita dificuldade no português e precisou ter aulas com uma professora particular para estudar e se preparar para essa prova” (p. 186).

A Adriana e a Andréa Venancino destacam as suas realidades escolares diante da língua portuguesa. “Adriana usou exclusivamente a língua de sinais até os 5 anos de idade, quando foi para a escola. Até ir para a escola, ela não falava português” [...]

“Quando chegou à escola, ela foi encaminhada para a direção, pois era surda. No entanto, foi muito difícil. A escola foi traumatizante para Adriana. Ela não compreendia porque as pessoas a olhavam com piedade” (QUADROS, 2017, p. 194).

A relação escolar dos codas diante das análises destaca para uma educação voltada ao bilinguismo, Quadros (2019 p.150) afirma que “a educação bilíngue reconhece as diferenças entre as línguas, as diferenças textuais, linguísticas e políticas implicadas pelas comunidades envolvidas: as comunidades surdas e as comunidades ouvintes locais reconhecem suas culturas, identidades e línguas”. Assim, se desenvolve uma flexibilidade cognitiva nas crianças bilíngues, pois contam com um processamento de informação ativado por mais de uma língua.

A educação bilíngue viabiliza a Libras como língua de instrução, os professores e alunos também precisam ser bilíngues, aqui destaco a Libras e o português. E esses professores acabam conhecendo a comunidade surda, história, experiências visuais, a cultura trazendo uma boa interação com os alunos usando as duas línguas, avaliando o desempenho do aluno dentro e fora da escola (QUADROS, 2019).

Com base nos desafios escolares apontados pelos codas diante das línguas, Libras e português, buscamos apresentar os relatos dos codas a respeito do conforto linguístico e a importância das línguas, em sua vida.

Conforme Grosjean (1982), os bilíngues raramente são fluentes igualmente em suas diversas línguas. Tem uns que prefere mais uma língua do que a outra, utilizam só em algumas situações específicas, outros preferem apenas falar obtendo dificuldades na escrita. Pois entre os bilíngues existem uma variabilidade de contextos linguísticos, podendo usar uma língua com algumas pessoas em específico e outro em uma situação mais ampla. Quadros (2019, p. 142) destaca que “é importante considerar as atitudes das pessoas diante desses diferentes bilíngues, atitudes que variam de acordo com quem fala ou sinaliza e quando fala ou sinaliza”.

Essas atitudes e comportamentos com as línguas traz a discussão em que Grosjean (1982) aponta sobre as atitudes negativas e positivas em seus diferentes níveis de proficiência e isso impacta diretamente no desempenho dos falantes e sinalizantes. A língua tem um papel fundamental que é a socialização que envolve a sua identidade dentro de um grupo social ou comunidade. Além disso, toda língua acompanha as suas atitudes e valores, pois não tem como separa a língua das pessoas que a utilizam (QUADROS, 2019).

Com base nos dados apresentados, os codas bilíngues possuem as diferentes relações com as línguas, comprovando assim, as variações nas dominância linguística e atitudes. Grosjean destaca que os bilíngues podem ter uma variação no seu vocabulário com as línguas, isso acontece quando um certo domínio em relação a outra língua, mesmo parecendo ser fluentes (QUADROS, 2019).

Segundo Quadros (2019, p. 145), “O uso mais dominante de uma língua em relação a outra pode impactar na reestruturação das línguas e manter a dominância da língua mais usada. Os domínios variam e podem evidenciar uma ou outra língua como sendo mais forte”. Ou seja, a dominância depende do seu contexto de uso, se tornando comum a fragilidade de uma das línguas. E isso acontece da mesma forma com os codas bilíngues.

Considerações finais

A relação familiar é considerada as com surdos e ouvintes na sua forma de comunicação. No caso dos familiares surdos, a principal língua utilizada, na maioria dos casos é a Libras. Os codas participantes desta pesquisa são provenientes de familiares surdos, sendo apenas a sinalização e, as vezes a fala ao mesmo tempo, na comunicação com familiares em casa. Os familiares ouvintes, a relação dos codas bilíngues por ter acesso as duas línguas e culturas, acabam por sinalizar e falar ao mesmo tempo, como muitos relataram esse sincronismo, como também, apenas falam.

Os codas quando se comunicam com amigos surdos, apenas sinalizam, porém alguns abordam os diferentes tipos de surdez, pois tem surdos que tem surdez profunda e esses não escutam, outros com surdez moderada de forma leve que escutam um pouco e que os filhos acabam falando oralmente com os pais, esses casos os codas podem utilizar a comunicação oral e a sinalizada como apresentado nos dados. No entanto, com os amigos ouvintes a conversa se dá oralmente na língua portuguesa, detalhamos que em alguns casos os codas se pegam gesticulando ao mesmo tempo que fala português.

Assim, enfatizo da importância de estudos futuros sobre a complexidade do uso das línguas, principalmente por bilíngues bimodais, com estudos etnográficos que possa descrever esses usos no cotidiano e nas relações interpessoais.

Dessa forma, o processo de aprendizagem das línguas se dá através da escola, essa que se torna fundamental para os codas, de acordo com Quadros (2007) a escola em que os codas frequentam negligenciam a perspectiva bilíngue, sendo essencial esse reconhecimento cultural, social e linguístico. Nesse espaço escolar se preconiza as relações entre os pais dos alunos, alunos e escola, sendo que esse processo interativo é esquecido. Os pais surdos com filhos ouvintes não frequentam a escola devido a escola não acolher esses responsáveis, pois muitos não conhecem esse universo e nem compreendem as relevâncias dessa relação.

Muitos codas relatam as barreiras encontradas na escola por serem interprete dos seus pais em reuniões, nas entrevistas a maioria coloca esse fato, por serem recorrentes. “Isso parece estabelecer uma lacuna entre sua família e a escola à qual ela, definitivamente, não pertencia. Por outro lado, ela é ouvinte e necessitava frequentar esse espaço. Então, a zona de contato é forçada pela sociedade e tem que ser estabelecida. Isso reflete sua posição no mundo” (QUADROS, 2007, p. 258). A escola reflete na relação com as línguas, tanto para os surdos como os codas, pois em casa se utiliza a Libras e na escola a língua portuguesa. Muitos codas apontam para essas barreiras, pois quando se deparam com uma nova cultura, a diferente do familiar, encontram desafios que a escola desconhece.

Os codas bilíngues, por ter uma língua de herança adquirida de forma familiar pelos pais surdos, se tornam reféns de uma língua majoritária que acaba “engolindo” a Libras e priorizando o português. Os dados pontuam as barreiras encontradas pelos codas em relação a língua majoritária e que dessa forma, os resultados apontam que os codas bilíngues bimodais de diferentes perfis linguísticos apresentam níveis de dominância linguística variada, conforme os pais surdos sabem Libras, os filhos adquirem essa língua mais cedo. Enquanto outros pais surdos que desconhecem a Libras ou usa apenas os sinais caseiros, os codas aprendem tardiamente.

Referência Bibliográficas

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 4. reimpr. 2. ed. 1999. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

BOON, E. D.; POLINSKY, M. *From silence to voice: empowering heritage language speakers in the 21 century*. Informes del Observatório / Observatório's Reports, 002, 06, Instituto Cervantes at FAZ, Harvard University, 2014. Disponível em: http://scholar.harvard.edu/files/mpolinsky/files/002_informes_mp_from-silence.corrected.pdf. Acesso em: 14 set. 2019.

CRUZ, C.; RIBEIRO, U. *Metodologia científica: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2003.

DÖRNEY, Z. *Questionnaires in second language research*. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2003.

FONTANA, R.; CRUZ, N. *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo: Atual, 1997.

GERTKEN, L. M., AMENGUAL, M., & BIRDSOON, D. Assessing language dominance with the bilingual language profile. In: LECLERCQ, P.; EDMONDS, A.; HILTON, H. (Org.) *Measuring L2 Proficiency: Perspectives from Second Language Acquisition*. Bristol, UK/Towanda, NY: Multilingual Matters, 2014, p. 208-225.

GOMES, B. S. *Aquisição da Linguagem de uma Criança CODA: produções, tipos de sobreposições e influência dos interlocutores neste processo*. 143. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, 2018.

GROSJEAN, F. Neurolinguistic, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person. *Brain and Language*, v. 36, n. 1, p. 3-15, 1989.

GROSJEAN, F. Studying Bilinguals: metodological and conceptual issues. *Bilingualism: Language and Cognition*, v.1, n. 2, p. 131-149, 1998.

GROSJEAN, F. *Studying Bilinguals*. Oxford. New York: Oxford University Press, 2008.

GROSJEAN, F. Bilingualism: A Short Introduction. In: GROSJEAN, F.; L. I, P. (Ed.). *The Psycholinguistics of Bilingualism*. Malden, MA: Willey-Blackwell, Inc., 2013. p. 5-25.

GÜNTHER, H. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?* Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 22 n. 2, p. 201-210, 2006.

GURJÃO, M. M. *Aquisição da linguagem oral e de sinais por uma criança ouvinte filha de pais surdos: conhecendo caminhos*. 120. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2013.

- HOFFMEISTER, R. J. One generation thick. *In: CODA-INTERNATIONAL CONFERENCE*, 11, 1996, Califórnia, USA. Anais... Califórnia, USA: Coda-International, 1996.
- LIM, V. P. C.; LIOW, S. J. R.; LINCOLN, M.; CHAN, Y. H.; ONSLO, M. Determining language dominance in English-Mandarin bilinguals: Development of a self-report classification tool for clinical use. *Applied Psycholinguistics*, 29, 389-412, 2008.
- LURIA, A. R. O papel da linguagem na formação de conexões temporais e a regulação do comportamento em crianças normais e oligofrênicas. In: LEONTIEV, A. et. al. *Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. Tradução de : Rubens Eduardo Frias. 4ª ed. São Paulo: Centauro, 2005, p. 107 - 125.
- MOREIRA, D.A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira - Thomson, 2002.
- NEVES, Bruna Crescêncio. *Narrativas de crianças bilíngues bimodais*. 2013. 191. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- PADDEN, C.; T. HUMPHRIES. *Deaf in America: voices from a culture*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1988.
- PARASURAMAN, A. Marketing research. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.
- PRATT, M. L. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. *Travessia*, n. 38, p. 29, 1999.
- PRATT, M. L. Arts of the contact zone. In: STYGALL, G. (Ed.). *Academic discourses: readings for argument and analysis*. Fort Worth: Harcourt College Publishers, 2000. p. 573-587.
- PRESTON, P. *Mother father deaf: living between sound and silence*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994.
- QUADROS, R. M. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2019. 190p.
- QUADROS, R. M. *Língua de Herança: língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2017.
- QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Brasília: MEC; SEESP, 2007.
- QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. *Língua de sinais – instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M; MASUTTI, M. Brazilian codas: libras and portuguese in contact zones. In: BISHOP, M.; HICKS, S. L. Hearing mother father deaf: hearing people in deaf families. v.14. Washington, D. C.: Gallaudet University Press, 2008. p. 197218.

SILVA, G. *Perfis Linguísticos de Surdos Bilíngues do Par Libras-Português*. 2018. 217. Tese (Doutorado em Estudos linguísticos) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, L. *Filhos Ouvintes de Pais Surdos*. Disponível em: <http://blog.educacional.com.br/surdez/2010/02/05/filhos-ouvintes-de-pais-surdos/>. Acesso em: 26 out. 2010.

SILVA, M. M. *Codas tradutores e intérpretes de língua de sinais brasileira: percurso para o profissionalismo*. 2016. 204. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SKLIAR, C.; QUADROS, R. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. *Estilos Clínicos, Psico*, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 32-51, 2000.

SOUZA, J. C. F. *Intérpretes Codas: construção de identidades*. 2015. 148p. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

STREIECHEN, E. M. *Libras: aprender está em suas mãos*. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017

STROBEL, K. *História da educação de surdos*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

TOMITCH, L. M. B.; TUMOLO, H. S. *Pesquisa em letras estrangeiras*. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2009.

TREFFERS-DALLER, J.; KORYBSKI, T. Using lexical diversity measures to operationalise language dominance in bilinguals. In: SILVA-CORVALAN, C.; TREFFERS-DALLER, J. (Eds.). *Language dominance in bilinguals: issues of measurement and operationalization*.

VYGOTSKY, L. S. *Fundamentos de Defectologia*. Obras Completas (tomo cinco). Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

WILSON, R.; DEWAELE, J. M. The use of web questionnaires in second language acquisition and bilingualism research. *Second Language Research*, v. 26, n. 1, p. 103-123, 2010.